

crueidade do devir e corpo-drogado

daniel lins *

A crueidade do devir é puro devir, *inocência do devir* — inocência que é pontuada por uma força da calma e por uma constelação de afetos viris — virilidade para além do gênero, para além do bem e do mal, pois a distinção entre o bem e o mal é *a obra da fraqueza*. O devir na sua beleza extrema é Vontade de Potência positiva ancorada num movimento para o infinito, para o excesso, excesso que é crueidade, isto é, vida!

Deve-se, contudo, perceber a beleza e a inocência cruel do devir conforme a economia do princípio do belo; belo como convulsão, ruína e martírio, mais próximo de Nietzsche ou de Rilke (“o belo nada mais é que o primeiro grau do terrível”) que da sublimidade moral edificante de Kant. Eis porque o belo é sublime enquanto traço volátil da morte nua, o que subtende uma certa retórica do desmaio cara a Baudelaire e a Artaud. Na sua natureza, o devir, para conjurar seu poder, remete sua representação a um outro código mais próximo do uni-

* Filósofo, sociólogo e psicanalista. Professor adjunto do Programa de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará, Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas da Subjetividade (LEPS) da UFC.

verso do molar (“eu, como mulher, reivindico o direito à diferença”...), mais perceptível e menos radical. Entretanto, o molar no campo do devir é apenas uma passagem, mesmo porque, na sua natureza, o devir dissolve o perceptível, dilui propriedades e haveres.

Eis porque o movimento do devir, descontínuo e radical, brutal e violento, é um segredo e uma desordem corporal. Seu giro desafia soberanamente todo código estruturado, inclusive o do próprio devir quando, encapotado numa representação, isto é, num simulacro do devir, torna-se ilusão molar. O molar, como passagem ou intensidade transitória, é uma das vias, por exemplo, escolhida pelo corpo drogado. Ao se instalar no molar ele sucumbe à sua própria “linha” envenenada. Daí porque no momento em que o devir-drogado “supera” ou esvazia o molar, que é sempre passagem, ele descobre uma espécie de “querer-artista”, embora simbólico, mas que o conforta na sua busca de criação, de liberdade contra um universo que o sufoca.

Contudo, o véu de Maia, a grande ilusão, é acreditar que o corpo-drogado vai poder maquiar o processo de subjetivação que o faz oscilar entre o molar e o molecular. No caso do corpo-drogado, o molar aparece como a dependência “provisória”, alimentada para não morrer de dor ou de ansiedade, no pior dos casos, e no melhor, para não se deixar engolfar pela felicidade avassaladora do *flash*.

Tanto em um caso como em outro, trata-se de uma economia da morte, da *linha de morte*: morte seca, prato frio — *more, more, more* —, ou morte orgástica. Isto é, orgasmo-místico, gozo não-humano, úmido, meio quente, meio frio, umidade-plascenta, às vezes incrementada pela violência da calma, pelas lembranças desidratadas, pela nostalgia de um corpo que já não é mais...

A economia do corpo-drogado parece ser ainda a de uma felicidade das marcas, do olfato: uma felicidade-fralda, amoníaca. Uma felicidade, pois, ressentida, sem devir, sem espaço para o experimento do que Nietzsche chama de “a inocência do devir”. Ora, a *inocência do devir*, ou *Unschuld* (que significa em alemão não dívida, não-culpa), retira do conceito de devir toda “chance” identitária, todo conforto de uma filosofia do ser e, portanto, toda possibilidade de juízo moral.

Como pôr em causa um *ser* ou uma *identidade*, visto que o devir não conhece nem *ser* nem *identidade*? Como fazer o não-existente pagar uma dívida? Não, não existe nem culpado nem *falso culpado*, o que equivale a afirmar que não existe também justo... Ao recusar o *não-pecador*, ao se colocar como adversário da moral metafísica, Nietzsche afirma a *inocência do devir*.¹

O corpo-drogado padeceria, então, de um equívoco? Talvez. Ao se anunciar como devir-drogado, o sujeito assim auto-nomeado, acredita-se “filiado” às constelações produzidas pelos campos moleculares. Átomo com o átomo, partículas com partículas, ele se *pensa* molecular: múltiplo, artista, inventor de sua própria vida. Ao negar o aspecto primordial de sua “viagem”, isto é, a toxiquemia que modifica o funcionamento psíquico do sujeito, ele se deixa habitar por um processo de denegação que beira a psicose: *se é exato que a droga envenena, e se é verdade que eu sou um toxicômano, é que a verdade não é verdadeira*

Em conseqüência da violência, da agravação da impulsividade, das modificações cinestésicas que a droga provoca, dos remanejamentos que ela imprime à relação com o *objeto*, e levando em consideração a euforia maníaca — no sentido kleiniano — provocada pela heroína ou pela cocaína, ou ainda a angústia de despersonalização inserida no uso de anfetaminas, a

repetição que modela, a droga modifica o modo de funcionamento, mesmo se ela não altera a estrutura propriamente dita.

A ilusão ao molecular do corpo drogado esbarra nas linhas de contradição de sua própria demanda: com a cocaína ele busca uma *vitalidade interior*, com a heroína ele almeja a elação, com o LSD a alucinação e com o éter, ele procura desesperadamente o inconsciente. Habitado, pois, por linhas de fuga e viagens translúcidas incorporadas ao inconsciente e à imanência, o que era “experimento” cristaliza-se numa repetição enfadonha, numa mistura, confusão dos sentimentos e das virtualidades que parecem acoplar-se à economia molecular, mas se exilam no campo da paixão ordinária organizada segundo uma linha de morte que anuncia nas entrelinhas de seu corpo marcado o congelamento da linha-artística, do querer-artista, axioma fundamental da economia molecular: *Vontade de Poder* que diz “sim” à vida.

Um olhar metasemiótico, embora sucinto, à nomenclatura usada pelos toxicômanos em relação à seringa, mostra como a droga não é *o atributo* nem *o substituto* de nada nem de ninguém. A droga é “a” droga. Ela se define unicamente na sua própria ação. Todos os inúmeros nomes que os *habitués* dão à droga, convenções, gírias variadas com objetivos práticos para os iniciados. Eles nunca a designam substancialmente, mas evocam apenas o inefável de seu efeito, sob o signo dos magmas imaginários e simbólicos com dimensões polissêmicas não interpretáveis a olho nu.

O conteúdo anal dos raros fantasmas que os drogados se permitem torna-se quase sempre evidente a partir de suas próprias expressões para dizer o indizível. Europeus e americanos usam a palavra “merda” (*merde, shit*) para

dizer haxixe; cocaína é chamada de “a branca”, “a neve”. No Brasil, a maconha é conhecida, na gíria, sob a apelação de “preto” ou de “fumo”. Fumo, que tem uma conotação fálica, segundo o uso antigo do vocábulo, é, na gíria, sinônimo de pênis. Fumo tem outros significados próximos da morte, segundo o Dicionário Aurélio. “Fumo: Exalação de cheiro desagradável que sobe de corpos em decomposição; faixa de crepe para luto. Maconha. Fumaças; aquilo que se esvaece”. A cocaína é chamada, entre outras gírias, de “pó” ou de “branco”.

Contudo, mesmo se a *evidência* da associação pulsional permite fazer uso da noção de fantasmas coprófagos, fantasma que é expresso e algumas vezes age em certos esquizofrênicos como modo de expressão de um desejo tendendo a uma confirmação narcísica, prefiro guardar a prudência. A interpretação, em relação aos toxicômanos, vive hoje um grande impasse: como interpretar o drogado sem “matar” o próprio sujeito da droga?

Por outro lado, é importante levar em consideração a relação que alguns toxicômanos têm com a seringa, visto que ela se inscreve como o negativo de diversas pulsões: *toda zona erógena é um buraco no narcisismo*. Os sujeitos que têm relações particulares com a seringa usam mecanismos para evitar a angústia que os levam a fugir de todo orifício pulsional na procura da satisfação. Tudo indica que eles preferem fazer buracos artificiais no tecido cutâneo para fugir do *orifício natural* que é o lugar do desejo. A este respeito, a gíria usada pelos iniciados para nomear o veículo de prazer, o “mensageiro” mecânico do objeto droga, a seringa é, entre outras: o pico. A expressão “Fulano toma pico” é usada correntemente. Pico que significa ponta aguda, bico, espinho, picada.

Os símbolos, negados ou destruídos, que contém, ou que a droga adquire, sob um modo inutilizável para a vida psíquica, e de certo modo liquefeita, aparece aos olhos do observador atento, mediante os traços de comportamentos particularmente obscuros para os drogados (e dificilmente interpretáveis) que são repetição e ritual, celebração inconsciente de um objeto defunto. O observador exterior dificilmente se engana sobre a tristeza-verdade da droga: o melhor gozo é o gozo da falta.

A denominação de corpo-drogado faz referência a uma constelação de fenômenos pulsionais, econômicos, tópicos, centrados na substância droga, que atestam o lugar considerável que ele se fabricou no aparelho psíquico. É como se o sintoma droga se erigisse em entidade, e o significante — que até então ele era — só se justifique a partir de si mesmo. O corpo-drogado, sob o signo da “escrita do desastre”, parece pretender esmagar os afetos e varrer os investimentos. Daí a dificuldade, não rara, para o psicanalista de não mais perceber contra o quê o corpo-drogado edificou a defesa da toxicomania. Não há mais sintoma. Não há mais fobias nem obsessões, nem depressão... pois eles só emergirão após o fim da intoxicação, e às vezes com abundância e intensidade.

O corpo-drogado é um ser apaixonado que mantém com seu objeto-droga uma relação intensa de amor radical: *in finem dilexit!* Amou até o fim. Amar com um amor passional o objeto-droga. Como a paixão, a “toxicomania” é um ato, não uma linguagem; uma produção de signos e não uma gramática descodificada. O corpo-drogado é um corpo tatuado, produção constante de novas subjetividades: marcas, linhas, listas, desenhos, tapeçarias e dobras. Ele é tanto território habitado pelos signos como corpo-escrita: escrita incompreensível, ilegível. Ele é signo e não representação.

Ora, ao transformar o objeto de prazer em objeto de necessidade, o corpo-drogado multiplica as passagens ao ato e essas não conseguem mais defender o Eu contra a depressão. A dúvida se instalou: o verme está no fruto da paixão. O toxicômano faz assim do molar o território domesticado de repetição, de correspondência entre a personalidade e a natureza química da droga escolhida. O que era “experimento” logo se transforma em prisão identitária, eu-drogado exilado na falta: falta da falta, lugar de alucinação e angústia. A escolha dá, então, lugar à elisão; o rito à anarquia, a elação à depressão. O molecular ao molar: o traficante torna-se o ator primordial à realização de sua “normalidade”, de uma “vida diferente”. A relação mestre e escravo emerge então: a paixão do objeto encontra no traficante seu porto seguro, sua possibilidade de evacuar o êxtase, de paralisar o delírio e a alucinação.

Como articular no presente contexto as linhas de fuga, linhas de vida, com a dependência do ser drogado inserido no campo da regressão e da metáfora do “narcisismo do sono”: dorme o corpo, dorme a dor, dorme o sexo, dorme a vida. É o ópio que tudo anula para ressuscitar horas depois o envelope-corpo carregado pelo peso dos órgãos famintos de comida e de ação paralisadora, mas que é atividade, apesar de tudo.

Ora, dizem Deleuze e Guattari, “(...) se é verdade, que a droga remete a essa causalidade perceptiva molecular, imanente, resta toda a questão de saber se ela consegue efetivamente traçar o plano que condiciona seu exercício. Ora, a linha causal da droga, sua linha de fuga, não para de ser segmentarizada na forma, a mais dura possível, da dependência, do dopar-se, da dose e do traficante”².

O devir-drogado é ainda o sujeito da imitação que emerge sob a forma de suspensão do tempo, de carne

flácida ou vibrátil no campo da representação: “Eu sou um pássaro”, dizia Luc, perdido entre o azul do céu e as ondas de Colva Beach, no sul da Índia! “Eu sou Jesus”, gritava Mathieu à medida que, para espanto de todos, avançando mar a dentro, deixava-se morrer nas águas cálidas de Arjuna! Mas, tanto Luc como Mathieu sempre se posicionaram como “iniciados”. Ópio e ácido, morfina e ganja — a maconha indiana — eram sempre descritos pelos dois companheiros de viagem como “um veículo de experimentação iniciática”.

Em outras palavras, ambos procuravam um devir lá onde teriam que produzir, como artesões, devires: devir-pássaro! Devir-Maria Callas! Luc e sua belíssima voz: ritornelo cantarolado quando a noite caía, domesticando assim seu medo-criança, seu terror-pânico. Goa sem a luz da lua é puro breu. Mathieu e suas tatuagens: um “Buda cantor” inaudível, que só ele podia ouvir. Entretanto, o que ele ouvia não era um “Buda cantor”, mas *a molécula sonora*:

“Se a experimentação de droga marcou todo mundo, até os não drogados, é por ter mudado as coordenadas perceptivas do espaço-tempo, fazendo-nos entrar num universo de micropercepções onde os devires moleculares vêm substituir os devires animais (...). Todas as viagens ditas iniciáticas comportam esses limiares e essas portas onde há um devir do próprio devir, e onde muda-se de devir, segundo as ‘horas’ do mundo, os círculos de um inferno ou as etapas de uma viagem que fazem variar as escalas, as formas e os gritos”³.

Com a droga, estamos no molar, longe do devir que nunca é mimetismo, mas produção de vida num corpo que não se deixa “morrer” à transfiguração vazia de uma visão sem rosto, à percepção sem percepção, à vulgar imitação de uma *impressão* ainda dominada pelo excesso

de organismo: “Mesmo que em sua forma flexível ela possa mobilizar gradientes e limiares de percepção de modo a determinar devires-animais, devires-moleculares, tudo se faz ainda numa relatividade de limiares que se contenta em imitar um plano de consistência em vez de traçá-lo num limiar absoluto. Para que serve perceber tão depressa quanto um pássaro rápido, se a velocidade e o movimento continuam a fugir alhures?”⁴.

O devir, ao contrário da imitação, produz um *plano de consistência*, numa calma que convém ao próprio tempo do devir. Não se trata de esperar para esperar menos, mas de uma prudência não moral necessária às instalações de linhas intercessoras, de partículas e galáxias, loucas talvez, mas que não emergem na confusão da pressa, no empurra-empurra de uma vontade que mata a própria vontade.

Se é verdade que o devir-drogado é um devir molar que aspira ao molecular, à passagem, à não-fixação, ao experimento, ao não casamento químico ou gestual, não é menos verdade que “as micropercepções moleculares são recobertas de antemão, conforme a droga considerada, por alucinações, delírios, falsas percepções, fantasmas, surtos paranóicos, restaurando a cada instante formas e sujeitos, como fantasmas ou duplos que não parariam de obstruir a construção do plano: o plano de consistência não só corre o risco de ser traído ou desviado sob a influência de outras causalidades que intervêm num tal agenciamento, mas o próprio plano engendra seus próprios perigos de acordo com os quais ele se desfaz ao longo da construção”⁵.

Eis, pois, o paradoxo do eu-drogado: à falta radical de desejo para gerar seu devir, sob o signo de um processo de desconstrução marcado pela vitalidade que poderá

curto-circuitar o gesto e a repetição, ele integra o universo “primário” do bebê, instalando-se, assim, na degustação infinita: a droga tornando-se o grande peito, a teta, o líquido sem o qual ele nem respira nem ressignifica.

A menos que em alguns casos, quando a espera torna-se eternidade, e toda sombra humana lembra o traficante que encarna a presença do objeto-droga, o toxicômano não só rói as unhas até o sangramento da carne, mas imita o soluço da criança, o espasmo do soluço presente em algumas crianças em crise de toxicomania sem tóxico... De fato, tanto na criança como no toxicômano, o espasmo do soluço corresponde a uma verdadeira manipulação química via blocagem da respiração destinada a chegar a um estado de inconsciência. Assim obtida, a inconsciência parece ser um substituto orgástico, apesar do perigo vital que essa procura implica.⁶

Oscilando entre o tempo do corpo-drogado e o ritual reparador, ele não é mais “o senhor das velocidades”. Ele troca a *invenção* pela instalação. Ao invés da invenção artística, cuja função primordial é a de criar problemas, ele abraça a *invenção-técnica* marcada pela procura obsessiva de soluções gestual, virtual, química: *more, more, more!*

Preso no tempo ritualizado, sob o impacto de sua dependência visceral, ele faz o elogio do organismo em detrimento do corpo. Ora, não sentir os órgãos — como acontece com indivíduos sob o efeito de algumas drogas — não significa não ter organismo, mas ofuscá-lo, anestesiá-lo, escapando, assim, ao trabalho do grande artesão do corpo.⁷

É preciso compreender que à sua maneira, e embora em um nível arcaico ou pré-verbal, o corpo-drogado fala. Mas sua gramática é escrita na sua própria pele. Aqui,

evidentemente, o conceito de introjeção encontra sua importância e aponta mecanismos de introjeção e de incorporação utilizados por eles num território onde a palavra simbólica é substituída pela gramática das lesões orgânicas, pelas tatuagens, nova pele, tecido e pergaminho, ou pelo tremor, no caso do alcoólico cuja palavra é líquida.

Com efeito, o corpo do toxicômano transformando em cartaz se apresenta ao psicanalista como um dos primeiros elementos semiológicos onde signos são exibidos, inscritos. Pele-cartaz, proclamando os resultados de sua decrepitude — traços, marcas de picadas, feridas, desidratação —, pela sua *vontade* de ser posto para fora da sociedade, excluído, preso, punido.

A primeira função da pele é a de ser um saco que retém no interior o *bom* e o *pleno*: o leite da amamentação, os cuidados, o banho de palavras são aí acumulados. É o corpo do toxicômano que fala. Corpo-buracos, cavernas tuberculosas, cáries dentárias, nariz perfurado, é no/em torno desse buraco, nesta “patologia do buraco” que vai se organizar a relação. Como não pensar em Groddeck? “No momento do nascimento a criança aprende em todo caso a conhecer... o que é um buraco”⁸.

Os começos da introjeção aconteceram graças às experiências do vazio da boca, não fechada, duplicada por uma presença materna. Esse buraco vazio, não fechado, esta sensação de vazio é primeiramente experimentada como gritos e choros, preenchimento diferido, vazio perseguidor, não trazendo a sensação conhecida do bem-estar habitual, devido à repleção. A seguir, e segundo o modelo proposto por Anzieu⁹ esse vazio vai ser vivido como uma ocasião de apelo, meio de fazer aparecer a linguagem. A seguir ainda como auto-preenchimento fonador, e enfim como substituição progressiva parcial

das satisfações da boca, plena do objeto materno, por aquelas da boca vazia do mesmo objeto, mas preenchida com palavras em direção ao sujeito.

A passagem da boca plena de sentido para a boca plena de palavras acontece por meio de experiências da boca vazia. Peyron, por sua vez, observa que essa passagem só pode acontecer “com a assistência constante de uma mãe falando a seu filho, de seu filho; essa constância é a garantia necessária às palavras. Desde que essa garantia é adquirida as palavras podem substituir a presença materna e dar lugar a novas introjecções dinamizadoras”¹⁰.

Introjetar uma situação é fazer passar pela linguagem. Isto é, aceitar o verdadeiro sentido da perda, o luto e suas conseqüências; introduzir em si a parte de si-mesmo depositada no que está perdido é aceitar todo um trabalhado de remanejamento.

Na incorporação existem três significações bem presentes:

1 - se dar prazer em fazer penetrar um objeto no interior de si, no seu próprio corpo; 2 - destruir esse objeto; 3 - se assimilar as qualidades desse objeto conservando-o no interior de si mesmo.

Este esquema, sucinto aponta a *démarche* do toxicômano. O vazio da boca, apelando palavras introjetáveis, para se encher, mas em vão, torna-se outra vez a boca vazia de alimento de *antes da palavra*. O toxicômano vai introduzir uma coisa imaginária, suprimindo — ilusoriamente — o próprio fantasma numa lacuna a preencher com a ajuda das palavras. A despeito de poder se alimentar com palavras que se intercambiam com outrem, a boca vai se introduzir toda uma parte da pessoa.

Diga-se de passagem que essa boca mostra, ao reconhecer, ao verbalizar os estados de “falta” — notadamente durante o processo de desintoxicação — e ao substituir à droga, incorporada, sua palavra, a ele, psicanalista introjetável. A este respeito, comenta Peyron: “Nós devemos falar ao toxicômano (descrever sua caverna, seus desequilíbrios iônicos) fazendo assim de nossa palavra de reconhecimento uma palavra introjetável e dinamizadora para outras introjeções, permitindo-lhe deste modo se encher de nossas palavras e portanto fechar alguns buracos (...) para passar de uma boca vazia para uma boca plena de seios, e a seguir plena de palavras”¹¹.

Fica a interrogação: e se o seio nada mais fosse que a própria boca da criança que chupa o dedo, ou a do toxicômano que engole ou recusa a palavra preferindo, ele também, chupar seu próprio polegar na *impossibilidade de beijar sua própria boca*? Não é exato que Freud considerava a prática de chupar o dedo como o resultado de uma decepção primária — não a perda de seio, como dizem Laplanche e Pontalis, mas a impossibilidade de beijar sua própria boca?¹²

Mas, não é este ainda um discurso de “padre”? Uma tirania de um modelo único, de uma “saída” única?

“Não é uma questão de modelo, todos os modelos são molares: é preciso determinar as moléculas e as partículas em relação às quais as ‘vizinhanças’ (indiscernibilidade, devires) engendram-se e se definem. O agenciamento vital, o agenciamento vida, é *teoricamente* ou *logicamente* possível com toda espécie de moléculas, por exemplo, o silício. (...) Não se trata de conformar-se a um modelo, mas de insistir numa linha”¹³.

Tudo é, pois, uma questão de escolha: escolher a vida, escolher a morte: escolher, escolher, sempre escolher. Escolher numa escolha que me acolhe, mas que me

escolhe. Escolher, ser escolhido. Trata-se duma escolha que está para além do consciente, que não é produção consciente, mas pura economia do acontecimento, enxertado por uma vontade que diz sim à vida, isto é, vontade ética, estética, artística; uma vontade da “boa linha”. Ora, “Os drogados não escolheram a boa molécula ou a boa linha. Toscos demais para captar o imperceptível, e para devir imperceptíveis, eles acreditam que a droga lhes daria o plano, quando é o plano que deve destilar suas próprias drogas, permanecer senhor das velocidades e das vizinhanças”¹⁴.

O eu-drogado, o eu-identitário, é um romeiro que salda suas dívidas com ex-votos, sua moeda para comprar o sagrado, para *solucionar problemas*. Face ao desfile de ex-votos, pedaços de organismos sacralizados pela dívida, face às intensidades mortas dos pedaços mortos: pernas, braços, cabeças, seios, pênis, ovários, ânus estrangulados pelo câncer, o corpo-drogado se compraz com órgãos sem corpo. Alimentado pelos buracos de sua própria epiderme, nutrido pela profusão de imagens vazias: órgãos sem corpo, pedaços de organismo pendurados, amontoados, colados às paredes da “Casa dos Milagres”, o eu-drogado, na contemplação da revolta do corpo contra os órgãos que adoecem, morrem e matam o corpo, entra em síncope.

Ao pagar a promessa, outras promessas restam ainda a ser pagas. Ele pagará com seu próprio corpo. Ao invés de se revoltar contra os órgãos, ele adere aos órgãos sem corpo, contra o corpo. *Corpo-peneira*, corpo trespassado pelas flechas, corpo-penetrado pela seringa, ele sofre e goza como São Sebastião, mártir da volúpia e do sofrimento radical.

Na ausência de pensamento, o desejo alucinatório, espécie de razão “pop”, instala-se e torna-se sofrimento:

more, more, more! Com efeito, a experiência do corpo-drogado parece encarnar a tentação do sagrado. A experiência da vertigem, mediante a velocidade infinita, o desejo urgente de tudo sentir, de tudo experimentar, inaugura com a droga o tempo de uma urgência radical, o prazer em tempo de peste!

Fica, porém, a pergunta: o que faz o corpo-drogado da transgressão, veículo ímpar de invenção e de espanto artístico, estético? O que faz ele da positividade criadora da transgressão? Ora, a transgressão, quando torna-se criação, é um devir-máquina produtor de problemas e não de soluções descartáveis. Inventar é criar problemas.

O que ele procura, final-**mente** este corpo escondido nos seus sintomas, isto é, o corpo moral? Sua singularidade define sua busca. Ele é um místico, um padre do deserto: pratica o despojo total, passa fome, “renuncia” ao prazer da carne, constrói seu eu-drogado e se dopa com o divino. Ora, tanto o místico como o drogado almejam ao perigo radical, mas dão, ao mesmo tempo, uma chance à morte.

O que acontece com o corpo-drogado quando, passados os primeiros movimentos de força e virulência da libido, provocados pela heroína, ou de modo menos radical, pela cocaína, notadamente nas primeiras semanas de experimentos, ele “perde” não apenas sua sexualidade, seu tesão, mas, a maioria das vezes, seu próprio sexo?

Geralmente, ele *flerta* com o Absoluto, tenta o Divino. Ao se picar, ele vive duas experiências, dois tempos intensivos de prazer: o desafio de Divino e os calafrios e gozos epidérmicos. Ao se picar, os poucos segundos de prazer, provocado pelo *flash*, vão lhe transportar para o espaço do Sagrado e levá-lo a viver num território real-virtual de *homens extraordinários*.

O corpo-drogado tenta construir a vida a partir do desafio da morte. A *overdose* não acontece apenas aos outros. Essa Vontade de Potência negativa alimenta o desejo de desafio do eu-drogado, levando-o a se identificar com os deuses. Ora, se como disse Olivenstein, “não existe drogado feliz”, não existe também drogado humano... A busca do desafio, a Vontade de Potência passiva, incrementada pela nostalgia do *flash*, espécie de orgasmo divino, privilégio dos deuses e heróis mitológicos, põe o experimentador num tempo sem tempo: o tempo para, não se tem mais nome, nem sexo, nem culpa...

É a fonte de regeneração, o banho quente no grande ventre da terra, lá onde os homens, como os vegetais, engendram sem copular (o devir-assexuado do corpo-drogado, para além da questão de gênero) e nascem, como nos grandes mitos, do beijo de uma amêndoa ou do contato com uma flor.

Assim fala o corpo-drogado: “Eu posso perder tudo” — *overdose* — “mas posso ganhar tudo” — *flash* —, o que significa que o “silêncio” do drogado não quer dizer falta de palavra, pois, mesmo costurada, uma boca fala. É aqui que o conceito de “Escrita do desastre”, de Blanchot, embora pensado em outro contexto, atinge uma quase perfeição. A economia da tentação, da busca do impossível, do indizível, é uma espécie de gramática-guia do corpo-drogado.

Morrer, deixar-se engolir pelas trevas, contemplar o desastre eminente, tudo isso soa para o corpo-drogado como uma retórica inserida em um outro que ele:

“Nada é suficiente ao desastre; o que significa que, mesmo que a destruição na sua pureza de ruína não o convém, do mesmo modo a idéia de totalidade não poderá marcar seus limites: todas as coisas atingidas e destruídas. Os deuses e os homens reconduzem a au-

sência, o nada no lugar do tudo, é demais e pouco demais. O desastre não é maiúsculo, ele torna talvez a morte vã; ele não se superpõe, embora o substitua, ao espaçamento do morrer”¹⁵.

O corpo-drogado tem na presença imanente da morte (*overdose*) seu grande intercessor, uma espécie de aliado. Eis porque ele não se sente ameaçado pela morte, ao contrário, ele pode *desejar a morte* como maneira de escapar ao desastre. Eis o porquê hipotético de sua passividade: ele é passivo em relação ao desastre, “o desastre é talvez a passividade”.

Mas, “é na medida em que, poupado, deixado de lado, o desastre me ameaça que ele ameaça em mim o que está fora de mim, um outro que eu que se torna passivamente outro. Não há perigo de desastre. Aquele que ele ameaça está ileso. Não podemos dizer se é de perto ou de longe — o infinito da ameaça, rompeu de certo modo todo [o] limite. Estamos à beira do desastre sem que possamos situá-lo no futuro: ele geralmente já passou, e todavia estamos à beira do desastre, ou sob a ameaça, todas formulações que implicariam o futuro se o desastre não fosse aquilo que não vem, aquilo que parou toda chegada. Pensar o desastre (...) é não ter mais futuro para pensá-lo”¹⁶.

Z., desfalecida num banco do “Jardin des Plantes”, em Paris, sob o efeito de uma *overdose* devastadora, entre uma respiração boca a boca, feita pelo bombeiro, e os abraços trêmulos de seu namorado, arranja fôlego para sussurrar, em lágrimas: “Laissez-moi mourir”!

O pensamento da morte era a própria morte: “Pensar, se apagar: o desastre da doçura”. Morte como um abrigo que o desastre pode anular. De súbito, o desastre emerge como um “traidor” e não mais um cumpri-

ce. Ele “rouba” o que o corpo-drogado cultivou: *o pensamento da morte*:

“O desastre nos retirando esse refúgio que é o pensamento da morte, nos dissuadindo do catastrófico ou do trágico, nos desinteressando de todo querer como de todo movimento interior, não nos permite tampouco brincar com esta questão: que fizestes para o conhecimento do desastre? (...) O desastre é o dom, ele dá o desastre”¹⁷.

Perigo maior: interpretar o corpo-drogado unicamente em termos de *falta* ou de *excesso*, “procura da felicidade” ou “reação à infelicidade”; à “dificuldade de comunicação” ou ao “desencanto com a sociedade injusta”, à “falta de amor”, etc. Este tipo de discurso, quando imbuído duma “consciência infeliz” ou dum ressentimento cristão, elimina o drogado, roubando-lhe, assim, sua própria experiência.

O corpo-drogado vive, sobretudo, um experimento marcado radicalmente pelo desejo: para o bem ou para o mal; para além do bem e do mal. Corpo-drogado, corpo-do-desejo? Talvez. É preciso atribuir ao desejo sua polissemia infinita, suas linhas de fuga, e a prudência necessária às experimentações desejanter. Tudo pode terminar num ponto. Inclusive, a experiência do desejo pode, sob o traçado não-linear das linhas de fuga, se estratificar numa linha de morte: *o desejo deseja também a sua morte*. As massas alemãs desejaram o nazismo, diz Deleuze.

Entretanto, o desejo que deseja mais do que ele deseja é, ainda, desejo?¹⁸ Talvez: à condição de perceber que um “tal desejo não é a forma sublimada da necessidade, menos ainda o prelúdio do amor. A necessidade é uma carência que espera ser suprida; a necessidade é satisfeita”, o desejo-drogado não¹⁹.

Por outro lado, minha experiência com os chamados toxicômanos²⁰ leva-me a acreditar que o conceito de

“Desejo metafísico”, de Blanchot, muito mais que a propalada “demanda de amor dos sujeitos drogados”, ajusta-se à economia do desejo na esfera do corpo-drogado:

“O amor quer a união. O desejo que se pode chamar metafísico é desejo daquilo que não nos falta, desejo que não pode ser satisfeito e não deseja unir-se com o desejado: ele deseja aquilo que aquele que deseja não tem necessidade, que não lhe faz falta e que ele não deseja atingir, sendo o próprio desejo do que deve permanecer-lhe inacessível e exterior — desejo do outro enquanto outro, desejo austero, desinteressado, sem satisfação, sem nostalgia, sem retorno”.

Esse desejo, porém, no presente contexto, não seria ainda da ordem do impossível? Talvez. *A Coisa* do corpo-drogado é o Desejo, é *das Ding*: “a coisa inominável que se revela no horror”²¹.

Diria, pois, à guisa de conclusão, que injetar um produto psicotrópico nas veias é algo que jamais poderá ser substituído por um discurso sobre a injeção nem a apetência virtual, sem a passagem ao ato do corpo-drogado. Sua busca não é suicida, mas estética: a estética da morte não é, ainda, uma estética? Eis porque a literatura sobre a “toxicomania” é geralmente inócua. Dopada pela incompreensão dos signos, ela é a escrita **sobre**, o discurso **contra**, e torna-se na maioria das vezes a retórica da histeria, da delação e, não raro, da denegação: “o corpo-drogado não existe”! Mas *o que quer* o corpo-drogado? Encontrar na “viagem” a vertigem, uma sinceridade que passa pelo sentir: injeção, penetração, picada, inalação são formas simbólicas de dizer o indizível. Mas, *como dizer o indizível?*²²

O corpo-drogado não pode ser limitado à “carência” ou à “demanda de amor”: o amor por procuração, o amor fruto da culpa ou da vergonha sufoca o eu-drogado, matando-o

por excesso de amor moral lá onde ele busca (busca?) o amor conquistado. A marginalidade do corpo-drogado consiste, pois, não em ficar à margem, mas em fazer da margem sua própria morada. A margem, não-lugar da representação, não-significação, é apropriação de sentido numa ordem-desordem, mais próxima do “desejo como caos” que da reta ou da linearidade que sufoca a criação e a vontade de vida.

Eis o grande desafio: corpo-drogado — *vir desideriorum*? Mas de que *homem dos desejos* se trata e, sobretudo, de que desejo? De um desejo que não vive em maloca, de um desejo não-clandestino, não-envergonhado: “Eu proporia denominar desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo (...)”²³.

“Devir-vontade”: puro desejo, que faz viver e sofrer, como dizia Nietzsche, na sua fase schopenhauriana. Perceber, pois, que o devir é da ordem do desejo é afirmar o desejo, inclusive no que ele tem de mais terrível e doloroso, sem se deixar guiar pela fraqueza e sem negar a vontade, o *instinto*, a vida — a realidade —, o que Nietzsche chama de *afirmação dionisiaca*, aqui compreendida como jubilação e pura degustação da existência.

Notas

¹ Friedrich Nietzsche. *Crépúsculo dos deuses*, in *Oeuvres complètes*, Paris, Gallimard, s/d. § 7 - 8.

² Gilles Deleuze e Felix Guattari. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo, Editora 34, 1997, p. 79.

³ Idem, pp. 32-33.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem, pp. 33-34.

- ⁶ cf. Daniel Lins. “O sexo do poder” in Daniel Lins (org.). *Dominação masculina revisitada*. Campinas, Papirus, 1999.
- ⁷ cf. Daniel Lins. *Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2ª ed., 2000.
- ⁸ M. Peyron. “Le trou” in R. Kaës e D. Anzieu (orgs.) *Le psychanalyste à l'écoute du toxicomane*. Paris, Dunod, 1981, p. 95.
- ⁹ “Le moi peau” in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, vol. 9, 1974, pp. 195-208.
- ¹⁰ M. Peyron. op. cit., 1981 p. 95.
- ¹¹ Idem, p. 98.
- ¹² cf. M. Fain. “Approche métapsychologique du toxicomane” in R. Kaës e D. Anzieu, op. cit., 1981, pp. 33-34.
- ¹³ Gilles Deleuze e Felix Guattari, op. cit., 1997, p. 81.
- ¹⁴ Idem.
- ¹⁵ Maurice Blanchot. *L'écriture du désastre*. Paris, Gallimard, 1980, p. 9. cf. também Daniel Lins. *Ayrton Senna – a imolação de um deus vivo*. Fortaleza, EUCE, 1995.
- ¹⁶ Idem, p. 09.
- ¹⁷ Ibidem, pp. 10 e 12.
- ¹⁸ Trata-se de uma alusão e jogo com a frase de Blanchot: “ (...) o pensamento que pensa mais do que ele pensa é Desejo”, in Maurice Blanchot. *A conversa infinita - A palavra plural*. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo, Escuta, 2001, p. 100.
- ¹⁹ cf. M. Blanchot, op. cit., 1980, pp. 10-12.
- ²⁰ Faço aqui alusão a minha experiência clínica, junto a equipe transdisciplinar, no Hospital Marmottan de Paris, sob a direção do dr. Olievenstain.
- ²¹ Jacques Lacan. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, pp. 401 e 436.
- ²² cf. Daniel Lins. “Como dizer o indizível?” in *Cultura e subjetividade - saberes nômades*. Campinas, Papirus, 2ª edição, 2000, pp. 69.-111.
- ²³ Felix Guattari e Sueli Rolnik. *Micropolítica - cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 1996.

RESUMO

A partir de um referencial deleuziano, o autor interroga a vontade de prazer expressa no uso de drogas, relacionando-a à satisfação sexual. São ambas manifestações de um prazer que denota uma posse sobre si por meio da experiência do êxtase.

Palavras-chave: prazer, drogas, vontade.

ABSTRACT

From a Deleuzian perspective, the author questions the will of pleasure in its relation to the sexual satisfaction. Both, drug and sex satisfactions, are manifestations of a sort of pleasure that proves a possession of the self that comes throught the experience of ecstasy.

Key words: pleasure, drugs, will.

Recebido para para publicação em 15 de outubro de 2003.